A agricultura do século XXI exigirá um perfil de empresário rural bastante evoluído, apto a deixar de lado velhos costumes e buscar novos conhecimentos. A terceirização de operações agrícolas como pulverização, plantio, colheita será crescente, permitindo redução de custos e dando ao agricultor mais tempo disponível para centrar seus esforços em decisões estratégicas e assim melhorar a performance do negócio.

O nível de profissionalização será cada vez mais intenso, gerando a necessidade de treinamentos contínuos nos quais a exigência de profissionais especializados provocará migração urbana para o campo e mudança de profissionais não especializados para as cidades.

A agricultura orgânica

Simultaneamente a tanta tecnologia e evolução, está crescendo no mundo o consumo de produtos obtidos através da agricultura orgânica, que consiste na produção de vegetais sem nenhum produto químico, seja fertilizante ou defensivo. Esse mercado representa hoje no mundo cerca de US$5 bilhões, e até o ano 2005 ele crescerá 20 vezes, atingindo a cifra de US$100 bilhões, segundo dados apresentados no Congresso Mundial da International Food and Agribusiness Management Association de 1998 no Uruguai.

A agricultura do século XXI exigirá um perfil de empresário rural bastante evoluído, apto a deixar de lado velhos costumes e buscar novos conhecimentos. A terceirização de operações agrícolas será crescente, reduzindo custos e deixando tempo para melhorar a performance.

Nos países desenvolvidos principalmente, há um número crescente de consumidores que buscam produtos totalmente naturais e ainda estão dispostos a pagar por eles, mesmo que tenham pior aparência e preço significativamente mais alto.

No Japão, a soja obtida através dessa tecnologia chega a valer cerca de três vezes mais que a soja tradicional, em torno de US$30 a saca de 60kg, com uma produtividade que varia de 40% a 60% da tecnologia tradicional.

Para que o mercado reconheça o produto como orgânico, a área tem de ser cultivada por três anos sucessivos sem produtos químicos.

Esse comportamento da parte de consumidores se contrapõe à alta evolução tecnológica que dia a dia oferece ao mercado produtos de custo menor e qualidade superior. Isso indica a grande heterogeneidade de comportamento dos consumidores, sinalizando que há espaço para diferentes produtos e tecnologias.

Outra tendência é a procura por produtos de conveniência, onde o consumidor quer produtos práticos, naturais e que possam ser consumidos imediatamente.

Marcelo Prado é vice-presidente do setor agroalimentar do Grupo Algar.

Extra!

FERTILIZANTES

Tropeçando nos preços

Adriano Vendeth de Carvalho e Pedro Ferreira Arantes

Redução do uso de fertilizantes ameaça índices técnicos de importantes culturas em Goiás.

Goiás é o quarto maior produtor de grãos do país e consome algo em torno de 7% do total de fertilizantes consumidos no Brasil. Paralelo à pecuária de corte e leite, as culturas do arroz de sequeiro, feijão, algodão, milho e soja são as atividades agrícolas mais importantes do estado, com destaque para as duas últimas, cujas produções praticamente dobraram no decorrer dos últimos oito anos.

A análise da variação de preço dos fertilizantes de arroz de sequeiro, feijão, algodão, milho e soja é de vital importância, tanto para o próprio setor de produção desses insumos como, é claro, para o setor de consumo, no caso o produtor rural. Para o setor de produção porque as cinco culturas respondem por mais da metade do fertilizante total do país. O milho e a soja utilizam 43% de todo o fertilizante consumido no Brasil. Qualquer déficit nesse consumo incorre em sérios danos a uma importante área do agronegócio brasileiro. Quanto ao produtor porque o custo da adubação nas lavouras ainda se mostra elevado quando comparado à renda bruta no setor rural.

A partir de julho de 1994 (implantação do Plano Real) até o final de 1996 os preços dos fertilizantes analisados tiveram aumento linear em torno de 30%, época em que o custo da adubação chegou a participar de 13,3% (no caso do algodão) a até 34,7% (no caso do milho) da renda bruta por hectare do produtor em Goiás. Curiosamente, desde então os preços dos fertilizantes na região Centro-Sul do país, também de forma linear, decresceram 24% até julho de 1998, reduzindo consideravelmente seu custo na renda bruta do produtor, com exceção da soja e do algodão, que neste ano tiveram preços inferiores à média histórica.

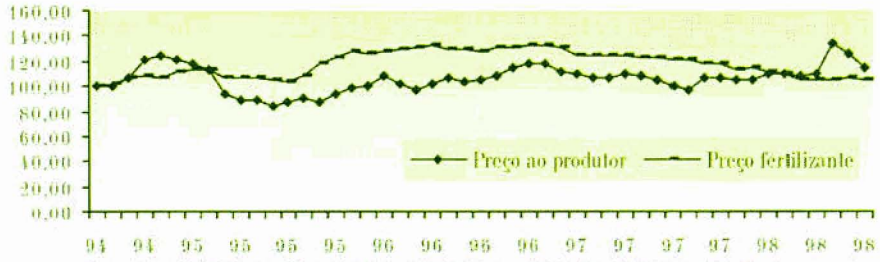
Índices percentuais médios de variação

Jul. 1994-jul.1998

	Arroz de sequeiro	*Feijão-carioquinha*	*Milho*	*Soja*	*Algodão*
Preço ao produtor	0,22	0,01	-0,06	0,13	-0,01
Preço do fertilizante	0,19	0,15	0,20	0,16	0,18

Índice médio comparativo

Preços pagos aos produtores em Goiás *versus* preços de fertilizantes na região Centro-Sul julho 1994 a julho 1998

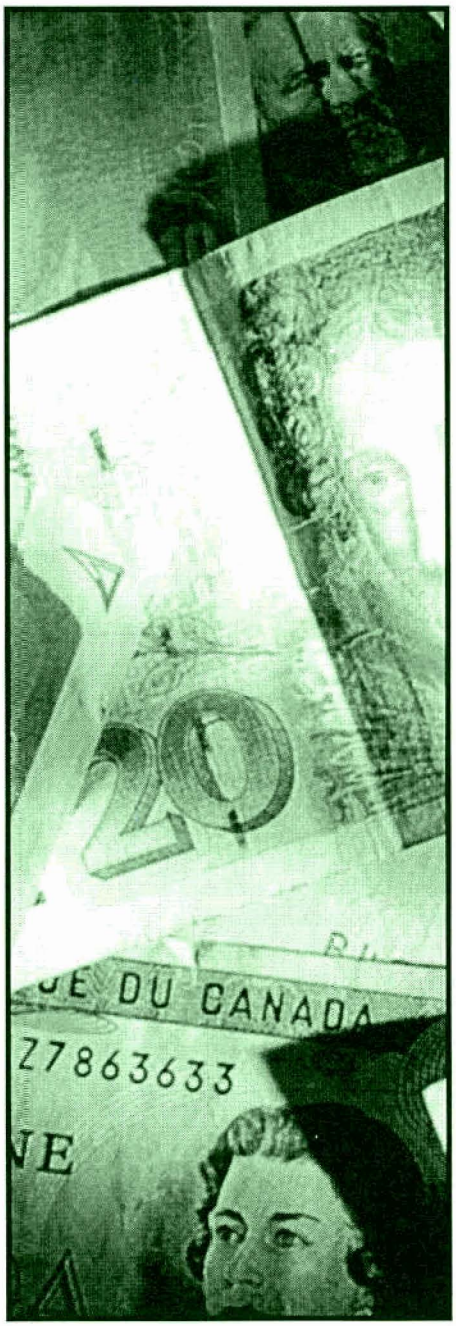


Fontes: Associação Nacional de Difusão de Adubos (Anda) e Federação da Agricultura do Estado de Goiás (Faeg).

Mesmo com a queda dos preços de fertilizantes a partir de 1997, o produtor de Goiás desde então perdeu em média cerca de 14% de poder de compra para esse insumo, pois os preços recebidos nas cinco principais atividades agrícolas aumentaram apenas 3% de dezembro de 1996 a julho de 1998 – movidos basicamente por arroz e feijão, que tiveram preços excelentes nesta safra, já que o milho não alcançou as expectativas iniciais e a soja e o algodão (grandes responsáveis pela queda do poder de compra) estavam com preços defasados.

Quando analisamos todo o período, ou seja, a partir da entrada do Plano Real em julho de 1994 até julho deste ano, observamos que o preço ao produtor em Goiás nas cinco atividades agrícolas teve variações médias de apenas 6%, enquanto os fertilizantes tiveram variações médias de preços de 17,3%. Com isso, o poder de compra desses produtores para os fertilizantes específicos de suas lavouras no mesmo período obteve índices de variação média negativa em torno de 17,7%, ou seja, o nível de produtividade nas lavouras possivelmente teve que ser incrementado para compensar o aumento na relação de troca para fertilizantes e manter seu uso nas lavouras.

Se continuar a queda gradual no poder de compra para fertilizantes, os produtores terão que buscar outras alternativas para adquirir uma produtividade ótima em sua atividade agrícola. Do contrário, deverão receber melhores preços por seus produtos para compensar o uso de fertilizantes, alternativa pouco provável diante das expectativas de mercado para a próxima safra 1998/99. Aparentemente, os produtores de arroz, feijão e algodão do Brasil estão se adequando a esta realidade, pois nos últimos seis anos mantêm os mesmos níveis de consumo de fertilizantes, produzindo queda nos índices técnicos dessas culturas.



A tabela e o gráfico demonstram os índices médios de variação dos preços dos fertilizantes respectivos a cada cultura (região Centro-Sul) e dos preços recebidos pelos produtores (Goiás) no período de julho de 1994 a julho de 1998.

Mesmo com a queda dos preços dos fertilizantes a partir do início de 1997, estes ainda se mantiveram durante quase todo o período analisado com índices médios de variações superiores aos preços recebidos pelos produtores em Goiás. Apesar de os preços do arroz de sequeiro ao produtor terem permitido uma paridade com os preços dos fertilizantes empregados, é baixo o uso do insumo nessa cultura em Goiás, caracterizada por baixas produtividade e rentabilidade. No período, considerando a liquidez e rentabilidade, a cultura da soja em Goiás parece ser a única atividade que propiciou índices de preços ao produtor compatíveis com o fertilizante empregado, mesmo porque esta cultura permite menor uso e gasto com o insumo.

Os indicativos de mercado para a próxima safra apontam para níveis de rentabilidade próximos ao custo de produção nas culturas de soja e milho. Preocupa este fato, já que os dados de consumo mostram essas duas culturas como responsáveis por quase metade das compras de fertilizantes no país. Pelos preços recebidos pelos produtores na última safra, não é coincidência que o fato venha se traduzindo em menores ritmos de venda no setor de fertilizantes tanto em Goiás como no Brasil. De janeiro a agosto deste ano em Goiás, as vendas recuaram 1,88% comparado ao mesmo período do ano anterior; não é pouco quando observamos em média 70% de crescimento nas vendas de 1995 para 1996 e 35% de 1996 para 1997 no mesmo período. No Brasil a realidade é a mesma, ou seja, as vendas estagnaram.

É preciso atentar ainda para o nível de endividamento do produtor rural brasileiro, que é muito elevado. Sua capacidade de pagamento deve se reduzir nas próximas safras, diante das expectativas de níveis de preços abaixo da média histórica.

Pelo visto, a galinha dos ovos de ouro está em perigo.

Adriano Vendeth de Carvalho é engenheiro agrônomo e assessor técnico da Faeg/Detec. Pedro Ferreira Arantes é economista da Faeg e professor de economia rural da Faculdade Anhangüera.